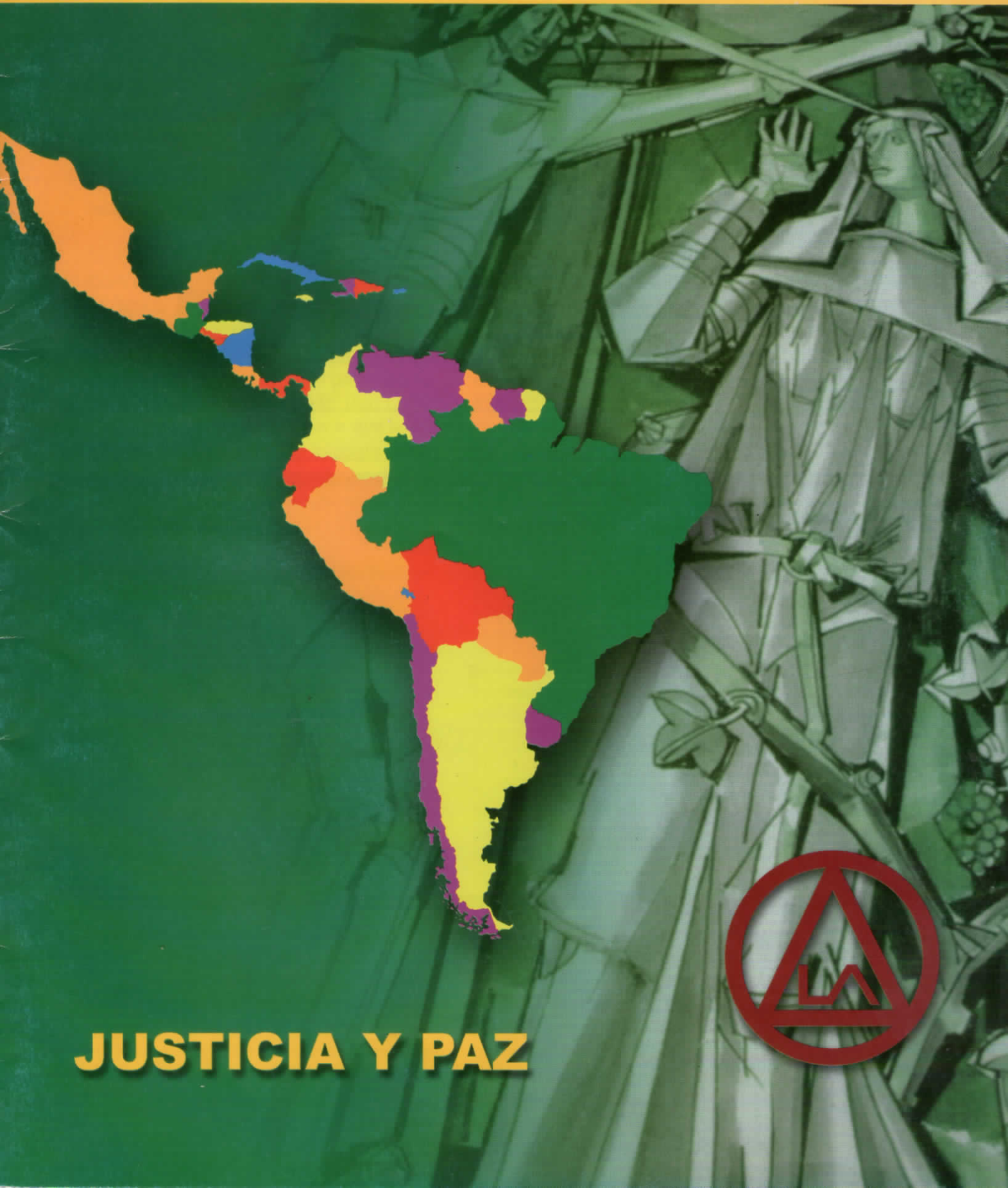


O A L A

ORGANIZACIÓN DE AGUSTINOS DE LATINOAMÉRICA

DICIEMBRE 2003



JUSTICIA Y PAZ



Índice

Editorial	1-3
Enfrentar el Desafío: Terminar con el Hambre en el Mundo	5
Justicia y Paz: Hacia un Mundo sin Hambre	10
Apresentação	13
Curso de Justicia y Paz	21
Comunicado desde la Curia General	22
Noticias del Consejo General	22
Reuniones de los Delegados de Base	24
Curso de Espiritualidad Agustiniiana	26
Reflexiones de Agustinos	27

Créditos

Publica: Organización de Agustinos de América Latina OALA

Presidente: Fr. Demetrio Mariscal
Secretario General: Fr. Luiz Augusto Mattos
Director del Boletín: Fr. Fabricio Alejandro Moreno Jiménez
E- mail: fabialex68@terra.com.mx
Fabialex68@msn.com

Casa de formación filosofado-prenoviciado
P. Thomas van de Vloodt; calle Nueva York 833
La Paz Bolivia
Telf. (591-2) 245 2819
Fax: (591-2) 245 2870
Colaboradores:
M.J.C.
Lic Karla Quintana

Diseño e Impresión:



Telf. 220 34 51
Fax: (592-2) 220 3457
E-mail: master@ceibo.entelnet.bo

Diciembre 2003

Editorial

MENSAJE DE NUESTRO SECRETARIO GENERAL

ADVENTO E NATAL NA AMÉRICA LATINA E OS AGOSTINIANOS

“Alegremo-nos: não pode haver tristeza quando nasce a vida!” (S. Leão Magno)

Com o Advento inicia-se um tempo novo na Igreja e, conseqüentemente, para a caminhada do Povo de Deus. Experiência que deverá favorecer o testemunho de que “a nossa salvação está mais perto, agora, do que quando abraçamos a fé” (Rm 13,11). Enfim, não dá para entender o que seja o advento sem compreendê-lo como tempo de verdadeiro e profundo compromisso com a vontade, a encarnação, o amor e o sonho de Deus.

Nesse sentido o Advento é manifestação de vida pessoal, comunitária e social em ritmo de expectativa e esperança, vigilância e certeza, acreditar e construir solidariamente, crer e aguardar sonhando, em relação a tudo que aponta a misteriosa e salvífica manifestação de vida para todos, nesse Menino que é a Pessoa do Filho eterno do Pai.

Analisando os últimos acontecimentos em nosso Continente latino-americano e caribenho, não obstante as promessas dos novos políticos, as lutas populares no campo e na cidade, os organismos e movimentos nacionais e internacionais alternativos, constata-se que cresce assustadoramente a miséria e a violência fruto da injustiça social, a exclusão da maioria e o privilégio da minoria integrada no Mercado e com acesso aos bens das novas tecnologias, a desilusão do povo e a covardia ou medo dos donos do poder.

O povo em alguns países já não suporta tanta enganação e manipulação, tanta corrupção e sofrimento. Acredito que o sucedido ultimamente na Bolívia, onde o povo vai à rua e depõe o presidente, revela a indignação e a revolta guardada durante muito tempo. No Brasil também começa a nascer uma crítica ou descontentamento em relação ao presidente Lula no que diz temas como: Direitos Humanos, ALCA, Reforma Agrária, Fome Zero, Questões sociais (emprego, educação, saúde, moradia, etc.), Alimentos transgênicos. Situações difíceis ocorrem igualmente na Argentina, Peru, Colômbia, Venezuela,... É um Continente manchado de sangue e de dominação devido a política imperialista e excludente do Primeiro-Mundo sobre nossos povos. É a história real de 500 anos de sujeição e exploração, discriminação e extermínio, que segue implacável.

Hoje seguir esperando a chegada do Senhor é aguçar a boa vontade e a sensibilidade fraterno-solidária pela defesa da vida de milhões que “gritam caninamente ao céu pedindo um pouco de compaixão e de misericórdia na forma de pão, de água potável, de saúde, de moradia, de reconhecimento e de inclusão na família humana”, é captar e fomentar as iniciativas que apontam para um morar neste mundo junto com os outros, “cuidando-nos reciprocamente e cuidando do que é comum”. Realidade que poderá testemunhar a encarnação, a epifania e a transparência de Deus em nosso tempo, frente a uma dinâmica social cínica que demonstra descompromisso com o futuro de Deus para a Humanidade.

Mas se o Natal é a festa da ternura, da alegria de Deus pela humanidade, cabe a cada um criar a festividade da festa reconciliando com a vida, com todos e com tudo. Celebrar o Natal é fazer memória dos acontecimentos libertadores do nosso Salvador, na história do Povo. É a experiência de que “o Verbo se fez carne” na constatação de que o ser humano chegou em Deus porque Deus chegou primeiro ao ser humano. “Ao humanar-se, Deus não mutilou o homem. O projeto de Deus não destrói, antes sublima o projeto humano. O querer-ser-homem de Deus estabelece o querer-ser-Deus do homem. Divinizando-se o homem é mais homem. Humanando-se Deus é mais Deus (para nós).” (L. Boff).



Apesar dos fatos ou da situação de sofrimento e desesperança que atravessam a realidade societária dos continentes pobres, todos os filhos de Deus estão vocacionados a celebrar a alviçareira notícia de que o Menino-Deus ao nascer em nosso meio é promessa de boas notícias, pois a história toma rumo novo, manifestando a solidariedade do Deus sempre fiel e misericordioso.

Que o tempo de Advento nos coloque na certeza-esperança de que o amor, a justiça, a paz e a alegria com o Natal não são fantasias; são realidades possíveis de serem conquistadas em todas as vidas, porque Jesus Cristo, Filho eterno de Deus e Irmão nosso carnal, nasceu entre nós por que nos ama muito e quer a felicidade de todos e todas.

Importante é que nós agostinianos que queremos ser presença de Deus no Continente, estejamos abertos a experiência de amor solidário com todos os povos. O

Natal é gratuidade e amor do Senhor, mas também acolhida-amor e compromisso nosso no dia-a-dia. Caso contrário, festajaremos mais um tempo de festa consumo ou comércio.

Que todas as Províncias, vicariatos e circunscrições agostinianos possam ser testemunho da Encarnação fraterna, livre, profética e solidária do Menino-Deus onde estiverem missionando, seja nossa esperança nesse tempo de Advento.

À todos um Feliz e Ilunimador NATAL!

Frei Luiz Augusto de Mattos



Editorial

ADVIENTO Y NAVIDAD EN AMERICA LATINA Y LOS AGUSTINOS

“Alegrémonos: no puede haber tristeza cuando nace la vida” (San León Magno) Con el adviento se inicia un nuevo tiempo en la Iglesia y, consecuentemente, para la caminata del Pueblo de Dios. Experiencia que deberá favorecer el testimonio de que “nuestra salvación está más cerca, ahora, que cuando abrazamos la fe” (Rom. 13,11). En fin, no puede entender lo que es el adviento sin comprenderlo como tiempo de verdadero y profundo compromiso con la voluntad, la Encarnación, el amor y el sueño de Dios.

En este sentido el adviento es manifestación de vida personal, comunitaria y social en ritmo de expectativa y esperanza, vigilancia y certeza, acreditar y construir solidariamente, creer y aguardar soñando, en relación a todo lo que apunta la misteriosa y salvífica manifestación de vida para todos, en ese Niño que es la Persona del Hijo eterno del Padre.

Analizando los últimos acontecimientos en nuestro Continente latinoamericano y Caribeño, no obstante las promesas de los nuevos políticos, las luchas populares en el campo y la ciudad, los organismos y movimientos nacionales e internacionales alternativos, se constata que crece asustadoramente la miseria y la violencia fruto de la injusticia social, la exclusión de la mayoría y el privilegio de la minoría integrada en el Mercado y con acceso a los bienes de las nuevas tecnologías, la desilusión del pueblo y la cobardía o miedo de los dueños del poder. El pueblo en algunos países ya no soporta tanto engaño y manipulación, tanta corrupción y sufrimiento. Creo que lo sucedido últimamente en Bolivia, donde el pueblo va a la calle y depone al presidente, revela la indignación y rebeldía guardada durante

mucho tiempo. En Brasil también comienza a nacer una crítica el descontento en relación al presidente Lula, referente a los temas como: Derechos Humanos, ALCA, Reforma agraria, FOME Zero, cuestiones sociales (empleo, educación, salud, vivienda, etc.), alimentos transgénicos, Situaciones difíciles ocurren igualmente en Argentina, Perú, Colombia, Venezuela,.... Es un Continente manchado de sangre y de dominación debido a la política imperialista y excluyente del Primer – Mundo sobre nuestros pueblos. Es la historia real de 500 años de sometimiento y explotación, discriminación y exterminio, que sigue implacable.

Hoy seguir esperando la llegada del Señor es estimular la buena voluntad y la sensibilidad fraterna – solidaria por la defensa de la vida de millones que “gritan caninamente al cielo pidiendo un poco de compasión y de misericordia en la forma de pan, agua potable, salud, de vivienda, de reconocimiento y de inclusión en la familia humana”, es captar y fomentar las iniciativas que apuntan para un vivir en este mundo con los demás, “cuidándonos recíprocamente y cuidando de lo que es común”. Realidad que podrá testimoniar la encarnación, la epifanía y la transparencia de Dios en nuestro tiempo, frente a una dinámica social cínica que demuestra falta de compromiso con el futuro de Dios para la Humanidad.

Pero si la Navidad es la fiesta de la ternura, de la alegría de Dios para la humanidad, y cabe a cada una el crear una festividad de fiesta de reconciliación con la vida, con todos y con todo. Celebrar la Navidad es hacer memoria de los acontecimientos liberadores de nuestro Salvador, en la historia del Pueblo. Es la experiencia de que “El Verbo se hizo carne” en la constatación de que el ser humano llegó a Dios porque Dios llegó primero al ser humano. “Al humanizarse Dios no mutilo al hombre. El proyecto de Dios no destruye, más bien sublima el proyecto humano. El querer – ser – hombre de Dios establece el querer – ser Dios del hombre. Divinizándose el hombre es más hombre. Humanizándose Dios es más Dios (para nosotros)”. (L. Boff)



A pesar de los hechos o de la situación de sufrimiento y desesperanza que atraviesa la realidad social de los Continentes pobres, todos los hijos de Dios están llamados a celebrar la Buena Noticia de que el Niño - Dios al nacer en nuestro medio es promesa de Buenas Noticias, pues la historia toma un rumbo nuevo , manifestando la solidaridad de Dios siempre fiel y Misericordioso.

Que el tiempo del Adviento nos coloque en la certeza - esperanza de que el amor, la justicia, la paz y la alegría con la Navidad no son fantasías ;son realidades posibles de ser conquistadas en todas las vidas porque Jesucristo, Hijo Eterno de Dios es hermano de nuestra carne, nació entre nosotros para que nos amáramos mucho y quiero felicitar a todas y todos en el Continente, estemos abiertos a la experiencia del amor solidario con todos los pueblos.

Es importante que nosotros los Agustinos que queremos ser presencia de Dios en el continente, estemos abiertos

a la experiencia de amor solidario con todos los pueblos. La Navidad es gratuidad y amor del Señor, pero también es acogida - amor y compromiso nuestro en el día - día. Caso contrario, festejaremos un tiempo más de fiesta, consumo y comercio.

Que todas las Provincias, vicariatos y circunscripciones agustinas puedan ser testimonio de la Encarnación fraterna , libre , profética y solidaria del Niño - Dios donde se encuentren misionando, sea nuestra esperanza en este tiempo de Adviento.

¡A todos una feliz e iluminadora Navidad!
Fr. Augusto de Mattos.



Enfrentar el desafío: Terminar con el hambre en el mundo

Hna. Irene Bailey, Coordinadora del Secretariado de Justicia y Paz de las Hermanitas de la Asunción, congregación asociada a la presencia de la Orden en la ONU, escribe:

“Dios no les pide mucho. Examina cuántas cosas te ha dado y aparta lo que es necesario para ti; el resto, lo superfluo, es necesario a los pobres. Cuando se poseen cosas superfluas, se poseen bienes ajenos”. (Comentario al Salmo 147,12).

La FAO (Organización de Alimentación y Agricultura) en su informe para el Día Mundial de Alimentación 2003 calcula que 840 millones de seres humanos del planeta pasan hambre crónicamente, 799 millones de los países en el mundo en vías de desarrollo. El número disminuye lentamente en 2.5 millones al año durante los últimos ocho años. A este paso, alcanzaremos el Objetivo del Milenio de reducir a la mitad el número de los que mueren de hambre para el 2015 unos cien años más tarde, en 2115. El hambre persiste cuando jamás en la historia humana se ha producido tanto alimento y cuando tenemos los medios para incrementar la productividad agrícola y mejorar el manejo del agua.

El Programa para la Alimentación Mundial informa que cerca de 40 millones de africanos luchan contra el hambre diariamente, un dato que revela un nivel de sufrimiento jamás conocido. En algunas partes de África, familias enteras subsisten con una comida diaria de verduras; naturalmente algunos mueren a causa de la desnutrición y sus consecuencias. El treinta por ciento de la población mundial vive desnutrida, lo que conduce a la enfermedad y muerte antes de tiempo, con una pérdida incalculable para la

potencialidad humana y el desarrollo social. Al repercutir esta realidad a nivel mundial en millones de familias se crea un efecto multiplicador que pone en peligro el desarrollo del planeta. Los azotes del hambre y la pobreza son inaceptables e innecesarios en el mundo de hoy.

En nuestro mundo el hambre es legado de la codicia y la falta de voluntad política y social para cambiar los sistemas que mantienen a pueblos enteros en el hambre y la pobreza. Los que desean desterrar el hambre y la hambruna del mundo saben bien que tienen que dirigir sus energías hacia las desigualdades sociales y financieras, la deuda paralizante y las estructuras comerciales injustas existentes. Estos son los desafíos que enfrentar si es que se piensa desterrar el hambre. Desterrar el hambre no es meramente un ideal alto.

El derecho a la comida ha sido reconocido desde la adopción de la Declaración Universal de los Derechos Humanos en 1948. Casi 20 años más tarde el Convenio Internacional de los Derechos Sociales y Culturales Económicos (1966) desarrolló el concepto especificando más plenamente "el derecho fundamental de todos para vivir libres del hambre". Pero ¿qué implica todo esto? ¿Cómo puede realizarse? Poner metas ayuda a lograr el objetivo. La meta de reducir a la mitad el número de personas hambrientas se adoptó en la Cumbre Mundial sobre el Alimento en 1996 y fue asumida de nuevo en las Metas de Desarrollo del Milenio. Todavía todos sabemos que el avance es dolorosamente lento. Lo que



está faltando es la voluntad política. Muchas naciones se han declarado a favor de la **campaña** de erradicar el hambre pero pocas han hecho algo concreto en la medida necesaria. Las naciones tienen que cambiar sus declaraciones por programas prácticos que luchen contra las causas del hambre. Las ONG's y la sociedad civil, pueden colaborar en suscitar la voluntad política y los recursos financieros necesarios para erradicar el hambre. Nuestra participación en la **Campaña Contra el Hambre** durante el próximo año nos brinda la oportunidad de entrar en el proceso de una forma bien enfocada.

Nos anima el número de países que se han sumado de una manera decidida a la **campaña contra el hambre** en el año pasado: por ejemplo Brasil y Sierra Leona. Varios otros países han manifestado su voluntad de realizar esfuerzos a nivel nacional contra el hambre, como lo son Colombia, Kenya, Mozambique, Perú e Indonesia. Se puede erradicar el hambre si tenemos la voluntad de hacerlo. ¡No tenemos mucho tiempo! Tenemos que encontrar la manera de reducir la pobreza y garantizar para toda la humanidad el derecho básico de vivir libres del hambre. ¡A enfrentar el reto! OSA/ONU.

Comenzamos con este número una sección con la información más reciente de los temas relacionados con nuestras tres prioridades: Educación-Alfabetización, Derechos Humanos y Desarrollo Social, presentes en las actividades y discusiones de la ONU, como parte de nuestro trabajo informativo hacia todos los miembros de la Familia Agustiniiana, para mantener su interés y acción en los temas de Justicia y Paz. Fr. J. Jesús Guzmán, O.S.A.

1.- **56ª. CONFERENCIA ANUAL** de las Organizaciones No Gubernamentales asociadas al Departamento de Información al Público de la ONU. La Conferencia anual de las ONG's/DIP, se llevó a cabo del 8 al 10 de septiembre en el edificio sede de la ONU con el tema: "La Dignidad Humana y la Seguridad, Cumpliendo la Promesa de las Naciones Unidas", con la asistencia de más de 3,000 personas representando las ONG's del mundo asociadas a la ONU. La asistencia a este evento anual, forma parte del curso de 2 semanas, que las ONG's de la Orden Agustiniiana organiza cada año. Este año fue dado por primera vez en español. Asistieron 7 Agustinos Promotores de Justicia y Paz en las Circunscripciones de: Irlanda, Australia, España, Bolivia,

Chile y Colombia; 2 Hnas. Religiosas de la Congregación de Hermanitas de la Asunción; 4 laicos; más el P. Asistente General Fr. Miguel Angel Keller, quien acompañó este curso la primera semana. Los instructores en español fueron los Padres Agustinos: Fr. Luis Vera (Villanova) y Tony Pizzo (Chicago) y en inglés: el P. Fr. John Paul Szura.

En esta conferencia fueron cubiertos los principales temas de preocupación global de las Naciones Unidas, tanto en las ponencias particulares, como en los talleres que se llevaron a cabo durante los 3 días del evento, temas en los que hay una intensa participación de las diversas ONG's que trabajan vigorosa y eficientemente en el mundo, apoyando el trabajo de la ONU y sus respectivos gobiernos, muchas de ellas dando un verdadero ejemplo de "subsidiaridad" y trayendo a este Foro Mundial la voz de los pueblos de las Naciones Unidas.

Los tópicos principales que fueron presentados como información con la posibilidad de hacer preguntas, fueron presentados por especialistas, varios de ellos que trabajan en las Agencias especializadas de la ONU y sus diversos departamentos, enfocados a la preservación y defensa de la dignidad humana y la seguridad, cubrieron desde la nueva forma de violencia manifestada en el terrorismo, hasta los problemas, no menos graves, que afectan al mundo actual con la degradación del medio ambiente y la naturaleza; la exclusión provocada por la globalización; las enfermedades endémicas como el SIDA; el aprovechamiento de la tecnología de punta en la comunicación repetitivo por la ONU, para mejorar la calidad de vida de los pueblos en desarrollo, defendiendo siempre la dignidad humana para promover la paz entre los pueblos.

El tema de la educación ocupó un papel muy importante entre los varios talleres que



se presentaron, sobre todo la Educación para una Cultura de Paz y la educación en los Derechos Humanos, dos de nuestras prioridades como ONG Agustiniana, sin faltar también el tema del Desarrollo, otra de nuestras prioridades de trabajo. La pobreza y el hambre, junto con el desplazamiento y la emigración, fueron presentadas como las vejaciones principales a la dignidad humana, provocadas por la falta de educación entre los pueblos que sufren la guerra y no han logrado un desarrollo sostenible en un contexto de globalización. Para mayor información visite las páginas Web de DIP/ONG: www.un.org/dpi/ngosection y www.ngodpiexecom.org escriba al e-mail: dpingoaun.org

2.- 1,000 TONELADAS DE ALIMENTO CADA HORA PARA IRAK.

El Programa Mundial de Alimentos de las Naciones Unidas (WFP) ha anunciado que está enviando 1,000 toneladas de alimentos cada hora a Irak, lo que constituye la mayor operación en sus 40 años de historia. De junio a octubre del 2003 envió 750,000 toneladas al país devastado por la guerra, como parte de un programa de 1,500 millones de dólares, en un esfuerzo para alimentar a toda la población Iraquí. El Subdirector de dicho programa, Jean-Jaques Graise, afirmó que aún antes de la guerra, las raciones de alimentos eran el único ingreso para 6 de cada 10 iraquíes y agregó que: "la ayuda alimentaria es hoy por hoy más importante en este período de post-guerra, ya que muchas personas han perdido sus trabajos y no reciben salarios, mientras sigue subiendo el precio del arroz." Si desea mayor información visite la Página Web del Programa de la Alimentación de la ONU: www.wfp.org

3.- UNICEF LANZA UNA CAMPAÑA DE EDUCACIÓN PARA LAS NIÑAS.

La Educación está ligada al combate contra la pobreza y el hambre. En los meses de mayo y junio de 2003 fue lanzado el

programa "25 para el 2005". El Director Ejecutivo del Fondo de la Niñez de las Naciones Unidas (UNICEF), Carol Bellamy, declaró que "la educación de las niñas es clave para un progreso real al tratar de combatir la pobreza" y anunció una iniciativa de 2 años para eliminar las desigualdades de la mujer en la educación primaria y secundaria en 25 países para el año 2005; fue iniciado en Dar-es-Salaam, Tanzania, le siguieron otras inauguraciones regionales y nacionales en 6 países de Asia del Sur, donde hay 43 millones de niños sin ir a la escuela. Solamente en Pakistán 7 millones de niñas no pueden recibir su educación primaria y secundaria; en Turquía, 1 de cada 8 niñas no va a la escuela; en Ouagadougou (Burquina Fasio), para África Occidental y Central. De los 120 millones de niños que no asisten



a la escuela, la mayoría son niñas, en muchos de estos países las tendencias culturales contra las mujeres y las exigencias domésticas, mantienen a las niñas fuera de los salones de clase. Si desea mayor información visite la página Web de UNICEF: WWW.unicef.org

4.- EL 16 DE JUNIO "DÍA DEL NIÑO AFRICANO".

Para recibir su educación hay muchos niños héroes en todo el mundo. Una red internacional de ONGs llamada: "The Watchlist on Children and Armed Conflict", que trabaja para proteger la seguridad y los derechos de los niños en los conflictos armados, publicó un informe en la República Democrática del Congo, llamando a todas las partes en conflicto a que "de inmediato paren los abusos contra los niños y cumplan todas las obligaciones internacionales para proteger los derechos y la seguridad de los niños." El informe se titula: "El Impacto del Conflicto Armado en los Niños de la República Democrática del Congo", y fue publicado el 6 de junio de 2003, "Día del Niño Africano" y exhorta a la



comunidad internacional en especial al Consejo de Seguridad de la ONU, para que trabajen vigorosamente en acabar con los abusos cometidos contra los adolescentes y los niños congolese, aunque no haya terminado el conflicto. Este conflicto ha segado la vida de 3.3 millones de personas desde 1998, la mayoría mujeres, niños y ancianos, según el Comité Internacional de Rescate, por luchas de poder y de explotación de los recursos naturales, causando la mayor crisis humanitaria mundial, sumiendo al país en la pobreza, el hambre y la ignorancia. El día del niño africano se celebra en Sudáfrica desde el 16 de junio de 1991, en honor a los cientos de niños que fueron masacrados en la manifestación de niños y niñas sudafricanos en Soweto (Sudáfrica), pidiendo mejor educación escolar. Para mayor información escriba a Cecilio Adorna en: cadorna@unicef.org visite la página Web de UNICEF: www.unicef.org

5.- La Misión Observadora Permanente de la Santa Sede ante la ONU celebró el 40º Aniversario de la publicación de la Encíclica "Pacem in Terris" del Papa Juan XXIII y el 25º Aniversario de pontificado del Papa Juan Pablo II.

El día de 7 de octubre fueron celebrados estos importantes aniversarios en el auditorio de la Biblioteca Dag Hammarskjöld de la ONU, con una de las mayores audiencias que se han registrado en ese pequeño auditorio para 150 personas, que fue insuficiente para contener la cantidad de asistentes, muchos de ellos tuvieron que escuchar las ponencias de los panelistas en el vestíbulo del auditorio. El simposio fue titulado "Paz en la Tierra", Fue organizado por el actual de esta Misión vaticana ante la ONU, Celestino Migliore, fue quien dio la bienvenida a los asistentes a la Fundación "Path to Peace". Participaron como ponentes: El Secretario General de la ONU, Kofi Annan; el Presidente de la 58ª. Sesión de la Asamblea General, Hon. Julian R. Hunte; Cardenal Edward Egan, Arzobispo de Nueva York; el recientemente nombrado Cardenal Renato R. Martino, Presidente del Consejo Pontifical de Justicia y Paz; la Srta. British A. Robinson, Directora de los Ministerios Sociales Internacionales de la Conferencia Jesuita de los Estados Unidos y la Actriz Joan Almedilla, quien recitó fragmentos de los poemas y meditaciones del Papa Juan Pablo II, coordinó la Sra. Maria Nigro-Parker, Presidenta de la Unión Mundial de la Organización de Mujeres Católicas.

Los ponentes presentaron diversos aspectos de las enseñanzas de la Doctrina Social de la Iglesia contenidos en esta encíclica, todos coincidieron en la actualidad y vigencia, que como un mapa de caminos hacia la paz, presentó el Papa Juan XXIII con una visión profética. Fueron destacados su doctrina sobre: El Bien Común, la Dignidad de la persona humana como base de sus derechos, la importancia de la ONU como Organismo mundial que promueve la paz, el progreso, la reconciliación y la armonía entre los pueblos de la tierra; resaltaron cómo el 80% de este documento eclesial está dedicado a la defensa y promoción de los Derechos Humanos e inspira el Programa de la UNESCO "Por una Cultura de Paz", sin olvidar el principio de la subsidiaridad. El Papa Juan Pablo II fue reconocido también como un "Mensajero de la Paz" y continuador fiel de estas enseñanzas, fue destacada su labor de 25 años como líder de la fe católica en defensa de los más necesitados. Para ver los textos completos de las presentaciones visite: www.thepathtopeacefoundation.org

RECORDANDO "PACEM IN TERRIS"

Al ser los hombres por naturaleza sociables, deben convivir unos con otros y procurar cada uno el bien de los demás. Por esto, una convivencia humana rectamente ordenada exige que se reconozcan y se respeten mutuamente los derechos y los deberes. De aquí se sigue también el que cada uno deba aportar su colaboración generosa para procurar una convivencia civil en la que se respeten los derechos y los deberes con diligencia y eficacia crecientes. No basta, por ejemplo, reconocer al hombre el derecho a las cosas necesarias para la vida si no se procura, en la medida posible, que el hombre posea con suficiente abundancia cuanto toca a su sustento.

Por esto, la convivencia civil sólo puede juzgarse ordenada, fructífera y congruente

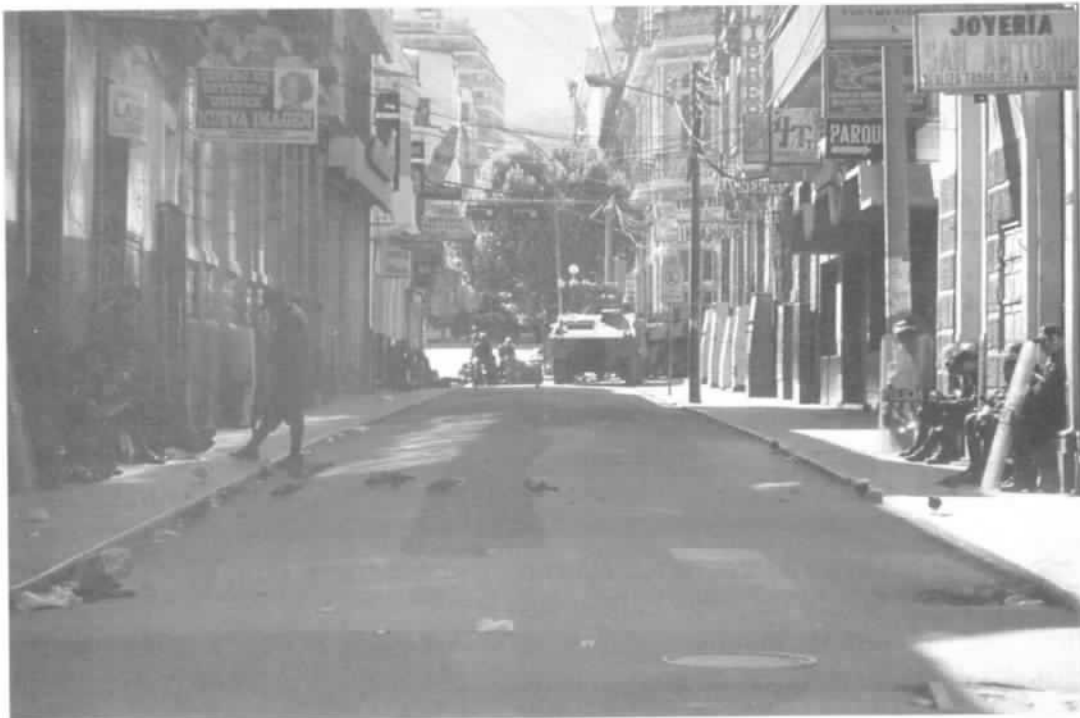


con la dignidad humana si se funda en la verdad. Es una advertencia del apóstol San Pablo: Despojándoos de la mentira, hable cada uno verdad con su prójimo, pues que todos somos miembros unos de otros. Esto ocurrirá, ciertamente, cuando cada cual reconozca, en la debida forma, los derechos que le son propios y los deberes que tiene para con los demás. Más todavía: una comunidad humana será cual la hemos descrito cuando los ciudadanos, bajo la guía de la justicia, respeten los derechos ajenos y cumplan sus propias obligaciones; cuando estén movidos por el amor de tal manera, que sientan como suyas las necesidades del prójimo y hagan a los demás partícipes de sus bienes, y procuren que en todo el mundo haya un intercambio

universal de los valores más excelentes del espíritu humano. Ni basta esto sólo, porque la sociedad humana se va desarrollando conjuntamente con la libertad, es decir, con sistemas que se ajusten a la dignidad del ciudadano, ya que, siendo éste racional por naturaleza, resulta, por lo mismo, responsable de sus acciones. (# 31-35)

Publicado en Roma cada dos meses por el secretario de Justicia y Paz de la Orden de San Agustín.

Volumen II, Número 13
Noviembre 2003-11-10



Justicia y Paz: Hacia un mundo sin hambre

Una Guía de reflexión Agustiniiana para Retiros Comunitarios

CONTEMPLANDO NUESTRO MUNDO PARA DESCUBRIR DONDE ESTA PRESENTE DIOS

Abrimos nuestros ojos, nuestros oídos y nuestros corazones: Para observar la realidad del hambre en nuestro vecindario, nuestro país, nuestro mundo; para oír los lamentos de los pobres y para dialogar con las personas, grupos y organizaciones que están haciendo lo posible para dar respuestas a las necesidades de aquellos que están sufriendo de hambre; para permitir que la compasión nos mueva a actuar en una forma simple y eficaz a través de una carta dirigida a nuestros líderes, con el fin de alentarlos a financiar las políticas que reducen a la mitad para el año 2015 el número de personas que sufren de hambre.

Lo que descubrimos en nuestros barrios (Colombia):

Podemos constatar que la realidad de hambre en los barrios donde nos encontramos no difiere mucho de unos lugares a otros. Se evidencia en: La falta de concentración, la apatía, la "desaplicación", la falta de energías para el trabajo, "la pereza", el dolor por hambre, la agresividad, la delincuencia, la fármaco dependencia y la mendicidad, que llevan a buscar entre las basuras las migajas que otros desechan y que para ellos es sustento.

Sentimos la angustia de madres y padres de familia con el llanto incesante de sus hijos y no poder calmar sus hambres. Otros síntomas son las enfermedades de la piel, los parásitos, la falta de defensas en el organismo para resistir las enfermedades. Muchas de las personas de estos barrios solo comen cuando pueden pastas, papas, arroz y "agua de panela", las proteínas verduras y frutas están casi ausentes de la dieta alimenticia.

Para mayor información, referirse al informe completo de las Hermanitas de la Asunción en el anexo.

LA PALABRA DE DIOS Y LA INTERPRETACIÓN AGUSTINIANA ILUMINAN A LA REALIDAD Sermón 345 de San Agustín manda a los ricos de este mundo que no se comporten orgullosamente y que no pongan su esperanza en la incertidumbre de las riquezas, sino en el Dios vivo, que nos da todo con abundancia para disfrutarlo. Sean ricos en buenas obras, den con facilidad, repartan, atesórense un buen fundamento para el futuro, a fin de alcanzar la vida verdadera. (1 Tm 6;17-19).

"Sean ricos" pero ¿en qué? "En obras buenas; den con facilidad", puesto que no pierden lo que dan; repartan con quienes no tienen.

Esta vida es un sueño; estas riquezas se escurren como en sueños. Escucha el salmo: ¡oh rico extremadamente pobre!: "Durmieron su sueño, y nada hallaron en sus manos todos los varones ricos". A veces, hasta el mendigo que yace en la tierra, temblando de frío, dominado por el sueño, sueña con tesoros, y en su sueño se goza y se enorgullece hasta no dignarse reconocer a su padre andrajoso. Hasta que despierte es rico. Mientras duerme goza, aunque falsamente; cuando despierte se encontrará con el dolor verdadero.

Así, pues, el rico, a la hora de la muerte, es semejante al pobre cuando despierta tras haber soñado con tesoros. En efecto, también vestía con púrpura y lino finísimo cierto rico cuyo nombre ni se conoce ni merece conocerse, que despreciaba al pobre que yacía a su puerta; según testimonio del Evangelio, vestía con púrpura y lino finísimo y banqueteara a diario espléndidamente.



Murió, fue sepultado; despertó, y se halló envuelto en llamas. Durmió, pues, su sueño, y aquel varón rico se halló con las manos vacías, puesto que nada hizo con ellas.

Las riquezas se buscan con la mirada puesta en la vida, no la vida con la mirada puesta en las riquezas. ¿Las amas? Envíalas adonde has de ir tú después, no sea que, amándolas en la tierra, o las pierdas en vida o tengas que dejarlas una vez muerto.

“Pero no veo, dices, lo que deposito en el cielo”. ¿Ves, en efecto, lo que ocultas en la tierra? Te sientes seguro ocultándolo en la tierra, y ¿pones reparos en darlo a quien hizo el cielo y la tierra? Guárdalo donde quieras; confíalo a un guardián, si encuentras alguien mejor que Cristo.

¿Por qué, pues, tienes dudas sobre a quién dárselo? Quien dijo: “Saulo, Saulo, ¿por qué me persigues?” es el mismo que dice: “Dame de comer en la tierra”. Saulo se mostraba cruel aquí, y, sin embargo, perseguía a Cristo; así también tú: da aquí en la tierra y alimentas a Cristo. El mismo Señor predijo esta interpretación que te sorprende, y que sorprenderá a quienes sean colocados a la derecha; cuando él haya dicho: “Tuve hambre, y me diste de comer”, responderán: “Señor, ¿cuándo te vimos hambriento?” Y oirán al instante: “Cuando lo hicieron con uno de estos pequeños míos, conmigo lo hicieron”. (Mt 25;35-40).



Aprende cuáles son las verdaderas riquezas. Quieres poseerlas para poder satisfacer tus fauces y llenar tu vientre; quien te concede el no tener hambre es quien en verdad te hace rico. En esto consiste el no necesitar absolutamente nada: en no sentir necesidad de alimento. Vivamos santamente, pero no esperemos los bienes pasajeros de la tierra a cambio de nuestra vida santa. La felicidad terrenal es recompensa vil de una vida santa.

ACCIÓN PROFÉTICA PARA HACER LA PRESENCIA DE DIOS MÁS FÁCILMENTE MANIFESTABLE EN NUESTRO MUNDO

La Justicia, como Agustín la entiende, EXIGE relaciones justas, incluyendo una mejor distribución de los bienes del mundo a fin de reflejar claramente el amor de Dios sobre toda la creación.

Una persona es “justa cuando busca usar las cosas para el fin que Dios le ha encomendado, y disfrutar de Dios como el fin último, mientras goza de sí mismo, de sus amigos con Dios y para Dios” (Ciudad de Dios 15.22). Nuestra relación con Dios nos urge a vernos el uno al otro en una forma diferente: pertenecemos el uno al otro y somos responsables el uno del

otro. Somos llamados a ir más allá de la indiferencia, discriminación y rechazo, a fin de establecer una comunidad más sólida, a imagen y semejanza del Dios único y Trino.

Paz, para Agustín, es el resultado obtenido cuando las partes llegan a un acuerdo de trabajar en conjunto y no uno en contra del otro. Todos los seres humanos están en la búsqueda de la paz, Agustín nos lo recuerda, pero nosotros rara vez buscamos la verdadera justicia. La



verdadera justicia esto es, las rectas relaciones nos exigen ser conscientes y comprometernos a rectificar la situación que permite que 24,000 personas mueran de hambre diariamente.

La paz terrenal lleva consigo una obligación de ser utilizada correctamente. En ocasiones la guerra se considera apropiada y en algunos casos necesaria: para preservar y readquirir la paz. Siempre, la guerra es un último recurso, no entendido como un medio para lograr la paz, pero sí como para minimizar la injusticia. Una "justa" guerra busca un "justo" acuerdo: una redistribución de los bienes de la tierra que permitiría a todos comer y nutrirse. Nosotros nos encontramos en una guerra justa frente al hambre; los líderes de las naciones se han comprometido en reducir a la mitad la pobreza y el hambre para el año 2015.

Maldad, como Agustín la entiende, es alejarse del bien, una carencia o ausencia del bien, el fracaso de hacer algo o de ser alguien. El abuso de la libertad (la cual Agustín llama "pecado") es una perversión fundamental de la orientación de la voluntad, de alejarse de Dios y volverse hacia sí mismo. El pecado auto-dirige la voluntad hacia lo creado apartándose del Creador. Pecado significa amor equivocadamente orientado, mal dirigido y corrupto. EL pecado hace de un objeto creado, fundamentalmente bueno en sí, el objeto último de su afecto.

Los bienes de la tierra están destinados a ser usados y disfrutados por todos. No son un fin en sí mismo ni tienen valor por sí mismos, no deben ser acumulados por algunos y deben estar al alcance de todos. El egocentrismo nos ciega a las necesidades de los demás. El Adviento es un tiempo especial dedicado a la preparación y al reconocimiento de la presencia y ausencia de Dios en nosotros mismos y en nuestro mundo. Dios está más presente cuando compartimos con los demás lo que Él nos ha otorgado para el bien de todos. Dios está presente en nosotros cuando actuamos en contra del egoísmo y a favor del bien común.

Nosotros podemos libremente escoger hacer el bien, ayudar al logro de la meta del Milenio, de reducir a la mitad el hambre, mediante una carta dirigida a los líderes de las naciones motivándolos a colaborar en la financiación de las iniciativas en nuestros países y a

nivel mundial. En esta época especial traigamos a nuestra mente durante la oración y los momentos en que tomamos nuestros alimentos a aquellas personas que están pasando hambre.

PREGUNTAS PARA REFLEXIONAR Y DISCUTIR EN COMUNIDAD

1. ¿Qué nivel de conocimiento tienes de la doctrina social de la Iglesia, inspirada en Agustín y en otros padres de la Iglesia? ¿Has encontrado una forma de hacerla llegar a la gente a la que sirves por medio de tu actividad apostólica?

2. El hambre es una realidad tanto a nivel local como a nivel global. ¿Es consciente tu comunidad de la realidad del hambre, tanto a nivel local como a nivel internacional? ¿Podrías identificar las principales causas del hambre en el ámbito local y global?

3. En tu comunidad, como en cualquier familia Cristiana, sin duda practicas la caridad para con los necesitados. ¿Hay algo que puedas hacer con respecto a la justicia, o en la transformación de la sociedad para que sea un mejor reflejo de nuestros principios cristianos identificados en el sermón presentado aquí por Agustín?

4. Especialmente, y es algo de mucha importancia para el éxito de la Campaña Agustiniana Contra el Hambre, te invitamos a ti y a los miembros de tu comunidad (y a través de ustedes a tantas personas como sea posible) a escribir una carta dirigida a las personas responsables de tu gobierno nacional, para que apoyen el desarrollo de la meta del Milenio frente al hambre. Esta es una actividad concreta que puedes realizar hoy, para ayudar a reducir el número de personas que pueden morir de hambre.



Apresentação

Um grupo de religiosos e religiosas de diferentes Congregações, que vivemos em Roma e nos reunimos mensalmente para nos apoiarmos em nosso compromisso de promover a Justiça, a Paz e a Integridade da Criação, estivemos refletindo sobre o projeto para a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA).

Constatamos que existe uma ampla bibliografia sobre este assunto, como também muitíssimas iniciativas orientadas para uma tomada de consciência sobre a ameaça que tal tratado representa para a América Latina ... Precisamente, por ser tanta a documentação e tão variada, propusemo-nos recollher nas páginas que se seguem algumas idéias em torno desta problemática e queremos compartilhá-las agora como uma simples ajuda na tarefa de sensibilização e compromisso com as comunidades e no trabalho pastoral.

Move-nos, então, unicamente o desejo de colaborar com o esforço de numerosas associações, entidades e pessoas singulares, para evitar que nossos povos sejam mais uma vez expoliados e empobrecidos, através de estratégias econômicas excludentes. Apesar de parecer irreversível o processo, não queremos silenciar nossa voz, mas sim buscar horizontes de justiça e solidariedade.

Creemos no ministério profético da vida consagrada e na força da comunhão que nos impulsiona a trabalhar em rede com a esperança de que o Evangelho ressoe nos corações dos homens e mulheres de hoje e impregne todas as estruturas da sociedade.

Jesus Ressuscitado, o Senhor da Vida e da história, nos guie e nos motive neste nosso caminhar.

Promotores(as) da Justiça, Paz e Integridade da Criação (JPIC)
UISG/ USG

Roma, 14.04.03

Como te soa? Sim, certamente ouviste falar da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas) um montão de vezes, e inclusive terás lido várias coisas que falam da ALCA ... e,... no entanto, sabes de onde vem e para onde vai? Talvez saibas de onde vem (ou talvez não), e isso tem uma importância relativa, mas É IMPORTANTÍSSIMO que saibas para onde vai, uma vez que para onde for a ALCA nos levará a todos com ela.

QUEM SE LEMBROU DISSO?

Na 1ª. Cúpula Presidencial realizada em Miami, em dezembro de 1994, o Presidente dos EE.UU. tomou a iniciativa de propor um comércio livre para toda América. Esta proposta lisonjeou os Presidentes e Chefes de Estado das 34 nações do continente americano (exceto Cuba) que a aceitaram e se comprometeram em iniciar as negociações para conseguir levá-la adiante. Encomendaram esta tarefa aos Ministros de Comércio de seus países com o apoio técnico - como não! - de três grandes sábios:

a OEA = Organização dos Estados Americanos
o BID = Banco Interamericano de Desenvolvimento
a CEPAL = Comissão Econômica para a América Latina

E a esses três há que acrescentar mais outros três, mais fortes e mais poderosos, se bem que às vezes se apresentem com pele de cordeiro:

o BM = Banco Mundial
o FMI = Fundo Monetário Internacional
a OMC = Organização Mundial do Comércio

Como vês, este discurso cheira a dinheiro e esta palavra tem magnetismo.

O QUE OFERECE A ALCA PARA QUE SEJA TÃO ATRATIVA?



Pois imagina que te oferece

- Sob o ponto de vista político = preservar e fortalecer a democracia (embora não digam como)
- Sob o ponto de vista social = melhorar o nível de vida e a prosperidade, através da integração econômica e da erradicação da pobreza
- Sob o ponto de vista ecológico = alcançar um desenvolvimento "sustentável"; esta palavrinha tão usada



hoje em dia tem duas condições: se fala de desenvolvimento "sustentável"

1) se responde às necessidades das gerações atuais sem comprometer os direitos das gerações futuras. 2) se não compromete o desenvolvimento em outras partes do planeta.

Quer dizer, oferece-te em concreto:

- A possibilidade de vender os produtos de teu país a todo o

continente americano, com facilidade de exportação, e sem ter que pagar taxas.

- A proteção do investimento estrangeiro e além disso
- A integração continental de bens e serviços, ou seja:

bens : como cultura, roupa, agricultura, técnica e serviços: como eletricidade, água, saúde, educação...

- A segurança de que irá haver mais democracia, mais prosperidade, maior crescimento econômico, mais emprego ...

Além disso te oferece capacitação e assessoria através de conversas, conferências, cursos, seminários e "workshops", como ferramentas necessárias para "enfrentar com êxito o desafio de inserir-se no mercado internacional."

Que bonito panorama nos propõem, não é verdade?

MAS... NEM TUDO O QUE BRILHA É OURO!
POR QUÊ?

A primeira coisa que nos ocorre é perguntar-nos por quê estes senhores dos Estados Unidos são tão amáveis e se preocupam tanto com o bem estar de todos os americanos. Não há gato escondido? Temos algum exemplo de algo que já esteja funcionando e que nos ajude a ver se tudo isto que prometem é verdade?

Sim, nós o temos.

• Perguntemos ao POVO MEXICANO

Vamos dar uma olhada até o Norte de nosso Continente.

Foi ali, onde em 1994, se firmou um Tratado de Libre Comércio da América do Norte, entre EE.UU., Canadá e México. E chamam-no assim: TLCAN (NAFTA = em inglês)

E agora vamos perguntar-lhes, aos mexicanos, como se saíram com o TLCAN.

- Bom, pois depende de quem contesta, claro.

O Governo mexicano afirma que graças aos novos empregos criados pelo TLCAN a receita 'per cápita' melhorou e os consumidores têm que pagar menos porque o preço da semente tem baixado. Mas no que o Governo se cala é que o TLCAN, em seu conjunto, não tem gerado nem mais nem melhor emprego, ao contrário tem crescido a insegurança e tem aumentado mais a brecha entre ricos e pobres.

Ou seja que se perguntas a um fabricante, (que concentra 87 % das exportações do país) te dirá que o emprego baixou uns 9% desde que o México está no TLCAN e também te contará que as pequenas e médias empresas estão



fechando. E um operário te dirá que cada dia o seu salário perde poder de compra, que já não há programas sociais para se recorrer e que a natureza está, a pobre coitada, cada vez mais destruída. E se te encontras com um camponês se queixará de que não conseguiu vender seu milho porque os mercados estavam cheios de um milho muito mais barato que vinha dos EE.UU. E sabes porquê era mais barato? Justamente porque os agricultores dos EE.UU. recebem subsídios e assim podem baixar os preços.

QUANDO VÊS AS BARBAS DE TEU VIZINHO A ARDERER

- A ALCA SERÁ COMO O TLCAN, PORÉM PIOR.

Assim é que é muito,
realmente muito importante
que o conheçamos bem
para que não nos deixemos enredar.

- Vamos por partes.

Voltemos aquela pergunta que fazíamos no princípio: porquê estes senhores dos Estados Unidos são tão amáveis e se preocupam tanto com o bem estar de todos os americanos?

Suspeita nº 1 - A desigualdade.

Por um lado temos EE.UU e Canadá e pelo outro o resto do continente. No total há na América nada menos que 800 milhões de habitantes dos quais 500 milhões são latino-americanos e, destes, 250 milhões vivem em situação de pobreza. Para darmos um exemplo: nos EE.UU. um cidadão comum ganha 36.000\$ por ano, em compensação um nicaraguense também o mais comum tem de se arranjar com 430\$. Tem presente que a dívida externa acumulada do sul do continente é de 792 mil milhões de \$!!! Em compensação EE.UU. e Canadá além

do dinheiro têm a tecnologia e as patentes. A experiência mostra que os benefícios do livre comércio não se repercutem nos países exportadores de matérias primas, mas sim naqueles que manufacturam produtos tecnicamente sofisticados: como semicondutores, computadores ou telefonia móvel. Assim, já estamos vendo por onde vão as coisas ... não?

Suspeita nº 2 - O secretismo.

Embora os EE.UU sejam a pátria da democracia e da participação, este é um produto que não interessa exportar. A nós, cidadãos dos países da América Latina e do Caribe, nos deixaram às escuras do que se estava planejando. Os textos da ALCA foram redigidos e mantidos em segredo, com reuniões fechadas, documentos incompletos e acesso restrito. E isto nos faz suspeitar que preferem que não nos inteiremos do que vai acontecer. Em uma entrevista Noam Chomsky2 afirmou: "Na realidade não sabemos com detalhe o que se está planejando porque tudo se mantém em silêncio. Há negociações que levam anos se realizando. O mundo dos negócios conhece bem o que se está tramando e também os meios de comunicação, porém, nada se publica."

Suspeita nº 3 - Crise na economia dos EE.UU.

Se bem que nos pareça mentira os EE.UU. também têm problemas económicos. Desde o ano de 2000 sua economia vai dando tombos e suas perdas são milionárias. Certamente terão ouvido falar de uma série de empresas enormes que se arruinaram em meio a grandes escândalos. Isto faz que os consumidores já não confiem e gastem e investem menos. Para fazer frente a esta situação e afirmar sua hegemonia ante as outras potências, Washington recorreu ao aumento dos gastos militares declarando estado de guerra permanente. E para isso há que reconhecer que o ocorrido a 11 de setembro lhes "caiu como sopa no mel". Assim puderam lançar-se em busca dos recursos energéticos, começando com o Afeganistão e continuando com o Iraque. No entanto, como isto não é suficiente para solucionar seus problemas internos, então inventaram o "livre comércio", quer dizer, a ALCA, para recolonizar- anexar os povos da América Latina e as suas riquezas.



Suspeita nº 4 - A ALCA tem outros irmãzinhos

A ALCA não é um projeto isolado mas vem acompanhado de outros "projetos" como o Plano Colômbia, a Iniciativa Andina, o Plano Dignidade da Bolívia ou o Plano Puebla do Panamá. Com estes projetos os EE.UU. buscam, não só a subordinação da América Latina às necessidades e prioridades do neoliberalismo norte-americano, mas querem integrá-la nos seus planos estratégicos militares.

TÊM FUNDAMENTO ESTAS SUSPEITAS?

Claro que sim.

Na realidade os que idealizaram a ALCA não estão a favor do livre comércio, se o estivessem teriam redigido um documento de uma única página. No entanto fizeram uma série de documentos muito detalhados que falam muito pouco de comércio.

- Então, de quê falam?

- Vamos ver:

• **Pretendem que a indústria nacional passe para as mãos das multinacionais.**

A ALCA, ao facilitar ao máximo a livre importação, está condenando o setor industrial local a um completo desaparecimento, aprofundando os já altos índices de desemprego. Quer dizer, pelas nossas fronteiras entrarão montões de produtos muito mais baratos e com o "atrativo" norte-americano. Como poderão competir com eles os produtos locais?

• **Poderão controlar os recursos naturais e o conhecimento ancestral:**

A América Latina é uma grande fonte de recursos naturais: água, petróleo, biodiversidade (ou seja, possui 40% das espécies animais e vegetais do planeta). Além disso, conserva a sabedoria dos povos indígenas. Pois bem, a ALCA pretende tomar o controle destes recursos estratégicos e do conhecimento ancestral, por meio de patentes de propriedade intelectual, pondo tudo nas mãos das multinacionais e a serviço dos EE.UU. Esta questão das patentes é muito séria, sobretudo no que se refere aos medicamentos. Todos sabemos que o

Brasil começou a produzir medicamentos genéricos contra a AIDS, que se tornam muito mais baratos que os comprados às multinacionais farmacêuticas dos EE.UU. Pois bem, com a ALCA, o Brasil se veria obrigado a indenizar as multinacionais proprietárias das patentes, e comprar delas de novo os medicamentos.

• **A importância dos subsídios...**

Já que a agricultura norte-americana está em desvantagem com a da América Latina, fez-se um ajuste para que a ALCA admita subsídios neste setor. O resultado será que os agricultores norte-americanos receberão

subsídios para seus produtos (80.000 milhões de dólares!!!). Como vão se arranjar os trabalhadores rurais da América Latina - que não têm nenhum tipo de apoio de nossos governos - para baixar os preços e além disso poderem comer?

• **Saque nacional e destruição da Natureza**

De acordo com o que está estabelecido pela ALCA os Estados

- em nossos povos! - terão a obrigação de colocar seus recursos naturais - nossos

recursos naturais! - à disposição do-"acionista majoritário", isto é, do que paga mais. Isso significa que os Estados poderão privatizar qualquer recurso natural: petróleo, terras, gado, bosques, minas... cairão nas mãos do melhor pastor... e este será sempre uma multinacional, proveniente dos EE.UU. Já em Novembro do ano de 2002, os indígenas equatorianos compreenderam que com a ALCA ia ser destruída a base de sua economia que é sobretudo agrária e denunciaram que iriam perder os ganhos de muitos anos no



processo de recuperação de terras. E sabem por quê? Porque as multinacionais vão construir represas hidroelétricas, grandes estradas, canais e portos e tudo isto o farão sobre as terras de comunidades rurais de todo o continente.

O resultado deste saque trará graves consequências para a ecologia: devastação dos bosques, contaminação das águas, desaparecimento de espécies animais, destruição do ecossistema ...

• E o que vai acontecer com os trabalhadores?

Perderão todos os seus direitos. Sim, tal é a perspectiva. Os Estados vão ter que mudar suas leis a favor dos interesses dos investidores. Por exemplo: se em uma empresa os operários estão descontentes e fazem uma greve, o Estado terá que compensar a empresa. Esta é a melhor maneira para que o Estado, em vez de velar pelo bem estar e os direitos de seus cidadãos se preocupe apenas em melhorar as condições para o enriquecimento das multinacionais.

• E com os cidadãos?

A gente do povo verá como pouco a pouco TUDO: saúde, educação, água, segurança social ... passa a ser propriedade de multinacionais que unicamente buscarão ganhar mais dinheiro e se colocarão a serviço dos que podem pagar, esquecendo-se dos pobres, das periferias e dos trabalhadores rurais.

• **Renúncia à soberania nacional**
Quando se tem soberania nacional se pode adotar uma política econômica que responda aos problemas do país. Porém com a ALCA seriam as grandes multinacionais as que traçariam a política econômica, social, cultural e ecológica de nossos países. Já não poderíamos dizer que vivemos em uma democracia pois nossos

governantes, embora eleitos pelo povo, teriam as mãos atadas em todos os níveis. E mais, os EE.UU. em sua estratégia militar, incluem a instalação de novas bases militares e o reforço das bases já existentes, o treinamento de militares latino-americanos, a venda de armas e a instalação de sistemas de vigilância e espionagem. Todo o continente americano se converteria num mero satélite dos EE.UU. Como disse Guillermo Almeyra em um jornal mexicano:

"Neste contrato desigual a América Latina entrega a sua riqueza e, mediante a cobrança constante e crescente de enormes somas de dinheiro por conta do pagamento da dívida, dá o dinheiro aos EE.UU. para que explorem as riquezas alheias e se apropriem delas em nome do desenvolvimento compartilhado".

ESTAMOS VENDENDO O FUTURO?

Pintamos um panorama desolador, não é verdade? E talvez penses que estamos exagerando, que o diabo não será tão feio quanto o pintam ...

No entanto, atenção: isso de "futuro" é algo muito sério. Para nós, cristãos e cristãs, o futuro tem um sabor especial. Preparar o futuro é preparar o caminho para que o Reino de Deus se estabeleça no meio de nossos povos. Por isso temos que apoiar tudo o que o possa favorecer e, claro, estarmos bem despertos para impedir aquilo que possa destruí-lo.

Bem, certamente esta expressão, "vendendo o futuro", não a inventamos nós. Trata-se nada menos que o título de um documento que escreveram os Bispos do Canadá. Eles sabem muito bem de como vai a coisa pois o TLCAN, como dizíamos no princípio, reúne os EEUU, México e Canadá. Nesse documento, partindo da experiência do TLCAN e do projeto da ALCA, e depois de fazer uma ampla análise das consequências que o TLCAN está tendo nesses países, tomam as palavras da Exortação Apostólica "Ecclesia in America", publicada em 1999 na qual o Santo Padre diz:

"A globalização, se rege pelas meras leis do mercado, aplicadas segundo as conveniências dos poderosos, leva a consequências negativas. Como, por exemplo, atribuir um valor absoluto à economia, leva ao desemprego, à diminuição e à deterioração de certos serviços públicos, à destruição do ambiente e da natureza, ao aumento das diferenças entre ricos e pobres e à competição

injusta que coloca as nações pobres numa situação de inferioridade cada vez mais acentuada”.

Assim, apoiando-se nas palavras do Papa, os Bispos do Canadá insistem em que

“a produção de maior riqueza não leva a uma distribuição mais equitativa dessa riqueza e que a nova economia produz maior desigualdade de uma maneira mais rápida que antes”.



Também mencionam que

“os governos receberam o mandato de seus cidadãos para promover o bem comum, razão pela qual não devem abandonar seu poder de intervenção. Se isto acontecesse, os governos se tornariam impotentes ante as forças econômicas

capazes de aumentar a produção e a ganância porém incapazes de garantir os benefícios resultantes.”

Não te parece que estas palavras são claras como água e têm sabor de Reino?

Agora damos a palavra a **270 mil religiosos, religiosas e sacerdotes...!**

Como não caberíamos todos, vão-nos falar seus representantes, os Presidentes das Conferências de Religiosos e Religiosas da América do Norte, da América Latina e do Caribe, que se reuniram no Haiti em fevereiro de 2001:

“Consideramos que o acordo (ALCA) tem profundas falhas em suas propostas... Nossa experiência nos indica que a implementação de tais acordos não obteve os resultados prometidos nem promoveu o bem comum. Podemos observar diariamente os efeitos das políticas econômicas de livre mercado nos habitantes de nossos países: povos deslocados, destruição da cultura e da

economia locais, crescente número de sem teto, deterioração da saúde e dos serviços educativos, exploração de mulheres e crianças, desemprego ...”

Aqui encontramos os sinais que nos indicam o caminho de Jesus, que nos situam ao lado dos pobres.

E junto com estas, outras palavras de **Dom Demétrio Valentini, Bispo do Brasil**, responsável pelo Departamento das Pastorais Sociais:

“Diante do continente americano que se contorce na miséria e na fome, há uma opção a fazer, entre dois caminhos que se apresentam. É hora de compaixão ou é hora de exploração? A resposta do Evangelho é clara: “Ide aprender o que significa: eu quero misericórdia, e não sacrifício”. Eu quero amor e solidariedade, não quero esta ALCA obscena e hipócrita!

E poderíamos seguir com uma larga lista...

mas ficamos por aqui porque vejo em seu rosto refletida a próxima pergunta...

- Então ...

O QUÊ PODEMOS FAZER?

Presta atenção:

Pela primeira vez na história estamos ante uma ameaça que afeta todos os setores sociais e todos os países da região, e tal como comentava um grupo de jesuítas latino-americanos:

“frente a estes acontecimentos com repercussões internacionais, as respostas individuais perdem efetividade e relevância”.

De modo que



LA RESPUESTA é UNIR-SE, UNIR-NOS.
Não há outro caminho.

Mas por sorte há muitos outros que pensam assim e que já estão, há tempos, trabalhando, refletindo e atuando UNIDOS.

Campanha Continental contra a ALCA

Un pouco de história

Resulta que, quando em 1998 se celebrou em Santiago do Chile a Segunda Cúpula das Américas, aconteceu ao mesmo tempo a Cúpula dos Povos da América, da qual participaram organizações e movimentos sociais de todo o hemisfério, para expressar sua oposição à agenda neoliberal no processo da ALCA.

Neste encontro nasceu a Aliança Social Continental, com o lema "outra América é possível" e também daqui surgiu a idéia de impulsionar uma Campanha Continental contra a ALCA, para unir forças e ações. Como toda idéia válida, esta foi acolhida por uma série de redes e coordenações sociais. E a 4 de fevereiro de 2002, no marco do Forum Social Mundial, na cidade brasileira de Porto Alegre, numa marcha que congregou 100.000 pessoas, se lançou formalmente a Campanha Continental contra a ALCA

O que pretende a Campanha?

- Construir novos caminhos de integração continental baseados

na democracia,
na igualdade,
na solidariedade,
e no respeito ao meio ambiente e aos direitos humanos.

- Bloquear a ALCA.
- Defender nossa soberania nacional.
- Mudar o modelo econômico de dependência externa.

- Construir uma alternativa de integração popular e soberana entre os povos americanos.

Te parece un projeto para gigantes? Uma simples utopia irrealizável?

- Não, se todos colaborarmos.
- Não, se todos nos unirmos.
- Não, se cremos que o Deus da Vida caminha junto com seu povo simples e pobre.

- Bem, mas, em concreto, o que podemos fazer?

Podemos:

Convencer-nos

Cair na conta de que esta luta não pode ser considerada como mais uma atividade, mas sim uma prioridade que faz parte essencial de nosso compromisso cristão.

Informar-nos

Não se pode atuar seriamente contra algo que não se conhece, por isso temos que informar-nos por todos os meios que tenhamos ao nosso alcance e refletir, despertar...

Conscientizar

Esta é uma estratégia importantíssima e ao alcance de todos/as. Estamos em contacto con um montao de gente: professores, catequistas, jovens, casais, grupos de paróquia... Podemos comunicar nossa preocupação a todos aqueles com quem estamos em contacto para conscientizar sobre o perigo que significa a implantação da ALCA para nossa sobrevivência como povos independentes.

Fazer lobby

- Fazer o quê? E isso, o que é?

Verás,
lobby, em inglês, significa: tratar de influir nas pessoas que tomam as decisões. Percebes? Sozinhos talvez não possamos, mas unidos, SÍM. Por isso, o quanto antes terás que buscar contactos com outros grupos populares, organizações ou movimentos, - em tua cidade, em tua região - que já estejam trabalhando neste sentido e que por sua vez se contactaram com outros grupos... E assim, sem quase dar-te conta, te encontrarás formando



parte de uma rede que te informará, te sustentará, te dará ânimo e juntos levarão adiante ações e atividades para que a rede se torne cada vez mais ampla.

Tal como declararam os participantes no seminário internacional da FIMARC Chiang Mai, Tailândia, em 2001, também nós podemos afirmar:

“Cremos que uma mudança profunda é possível e convidamos todas as pessoas que comungam estas idéias conosco a efetuar uma conversão total de modo que:

a economia capitalista seja substituída por uma economia social, os conflitos já não existirão pois se respeitará os seres humanos, e haverá justiça e harmonia.

Como cristãos, reafirmamos nosso compromisso e nossa vontade de construir o Reino de Deus apesar das imposições e ameaças do tempo presente.”

Notas:

1) **Manufatureiro:**

é o que se ocupa das manufaturas ou de bens feitos com máquinas caseiras. É um termo mais amplo que “textilero” que só se ocupa de têxteis ou da matéria capaz de reduzir-se a fios e ser tecida, por exemplo, o linho é uma fibra têxtil.

2) **Noam Chomsky:**

nasceu nos EE UU de pai russo, (judeu e um dos mais

famosos gramáticos de seu tempo. Chomsky é um dissidente de todo formalismo político e intelectual, crítico severo e profundo, lingüista e como seu pai, intelectual, literato, político e ativista.

3) **“Vendendo o Futuro”**

Oficina de Assuntos Sociais. Conferência Episcopal Canadense. Janeiro de 2002. Correio Eletrônico: mchabot@cccb.ca

Alguns dos desenhos incluídos neste texto, foram tomados de um folheto editado pela Cáritas do Panamá, na Quaresma de 2002.

DIREÇÕES ÚTEIS DE INTERNET:

SODEPAZ :

www.sodepaz.org/alca/

FORUM SOCIAL MUNDIAL:

www.forumsocialmundial.org.br/

ALIANÇA SOCIAL CONTINENTAL:

www.asc-hsa.org

PASTORAL SOCIAL- CARITAS PANAMA:

www.caritapanama.org



Cochabamba 29 de septiembre de 2003

Curso de Justicia y Paz Nueva York septiembre de 2003

Primero que nada quiero agradecer a mi Vicariato y a las personas que directa o indirectamente me apoyaron para poder acceder a esa experiencia tan enriquecedora.

Participamos del curso 15 personas, entre ellas éramos 3 agustinos de América Latina, además de un hermano de España, de Irlanda, de Australia, de Nigeria, el asistente general, el equipo de la ONU, además de 2 hermanas y 3 laicos.

Considero que la experiencia fue bastante positiva, ya que ella nos permitió acceder al mundo complejo de las Naciones Unidas, donde participan más de 1300 ONG y la nuestra es una más de ellas, con la posibilidad de mantener el contacto de información con el área del DPI de la ONU.

La conferencia tuvo puntos altos dentro de sí, principalmente en cuanto al análisis de la realidad y los proyectos educativos que se van apoyando y presentando como alternativas reales al momento actual. La ponencia de J. Sach, fue una novedad, mucho más

cuando tomamos en cuenta su papel como economista dentro la historia de América Latina, fue la persona más clara y concreta en cuanto a su crítica a los Estados Unidos y su propuesta belicista.

Considero que en cuanto a lo negativo, se puede indicar un tanto la falta de claridad y manejo de información por algunos de los sectores de la ONU que visitamos, además que se nota que ellos son

funcionarios y poco de contacto con la realidad.

También quiero recalcar el apoyo y la sabiduría de P. Juan Szura, quien nos dio indicaciones básicas de su experiencia para tomar contactos en un mundo tan complicado como el de la ONU, un agradecimiento especial para él.

Es de recalcar el trabajo de Fr. Jesús Guzmán, junto a los hermanos de Estados Unidos, quienes hicieron lo posible por hacernos agradable nuestra estadía en esas tierras.

Considero como punto de reflexión, la posibilidad de pensar desde una propuesta macro, de tal manera que tomemos conciencia de que si bien somos importantes dentro el quehacer de nuestros trabajos, pero que dentro el marco general del planeta y de la ONU, simplemente somos un granito de arena, lo cual nos obliga a trabajar con un mínimo de humildad y compromiso con las causas mayores de nuestro planeta.



Como comisión de Justicia y Paz, queremos sugerirles a que tomen en cuenta la Campaña Contra el Hambre del 16 de octubre, de tal manera que podamos aportar desde nuestras obras y quehaceres cotidianos.

También les invitamos a que compartamos nuestras preocupaciones y nuestras experiencias de solidaridad, de tal manera que al compartir material podamos mostrar la posibilidad de aporte desde nuestro ser agustinos. Por último, a nombre de Guillermo (Colombia), Javier (Chile) y mío propio, les invitamos a motivar la experiencia de Justicia y Paz desde nuestro quehacer agustiniano.

Fr. Juan Richar Villacorta Guzmán O.S.A.
Responsable Justicia y Paz



Comunicado desde la Curia General

La Fiesta de la Encarnación y la Campaña Agustiniana Contra el Hambre "Por nosotros, el Dios de los dioses se dignó sentir hambre. Vino a tener hambre y a alimentar. Vino a tener sed y a dar de beber." (Comentario de San Agustín sobre el Salmo 49,19) Los tiempos en los cuales vivimos son nuestra oportunidad de descubrir y anunciar la presencia del Dios de la vida, este Dios tan compasivo y que nos ha querido tanto que se ha sometido a nuestra condición humilde para podernos redimir.

"Se dignó sentir hambre" nos recuerda San Agustín. Nuestro Dios sigue sintiendo hambre en tantas personas desnutridas de nuestro mundo. El cristiano agradecido a Dios por su amor manifestado en la Encarnación no puede quedarse indiferente frente al hambre que experimenta hoy el mismo Cristo en la persona hambrienta o desnutrida.

Los jefes de estado del mundo reunidos en la Cumbre del Milenio declararon su intención de reducir a la mitad el número de personas hambrientas para el año 2015. Ahora nos toca recordarles a los líderes que ese objetivo no se logra solamente con buenos deseos. Es necesario financiar programas reales que respondan directamente a las situaciones de hambre en nuestros países.

Creo que la mejor manera de manifestar nuestra gratitud al Dios que nos ha amado tanto es participar activamente y animar a otros a participar en la Campaña Agustiniana Contra el Hambre. El hambre es un problema que realmente podemos resolver, con la ayuda del Señor. ¿Qué tal si para esta Navidad en los pesebres que se preparan en los ambientes donde servimos al Pueblo de Dios, en vez de colocar una imagen de un niño que representa a Cristo colocamos más bien la foto de un niño de nuestro país, víctima de la desnutrición? Si la Campaña Agustiniana Contra el Hambre desea producir frutos, necesitaremos recordar diariamente delante del Señor en oración a tantas personas que claman a Dios por el pan de cada día. Como tarea concreta, regalo que agradecerá al Señor sin duda, podemos escribir una carta a las autoridades de nuestros países

para urgirles financiar los programas para reducir al número de personas hambrientas.

Desear una feliz Navidad, celebración gozosa de Dios-con-nosotros, sin reconocer y alentar a Dios-con-nosotros presente en los hambrientos, sería cínico. Más bien, mi deseo de corazón es que en esta fiesta de la Encarnación del Señor, todos especialmente los desnutridos y hambrientos podamos celebrar la presencia del Señor en medio de nosotros, manifestándola por nuestra preocupación a nivel de la caridad a igual que de la justicia (entendida como la transformación de estructuras injustas) por nuestro Dios que tiene hambre y nos llama con los gemidos del hambriento.

Arturo Purcaro O.S.A.
Asistente General
Secretariado de Justicia y Paz de la Orden de San Agustín

NOTICIAS DEL CONSEJO GENERAL

(Septiembre 2003 # 8)

1. Se ha iniciado ya la preparación remota para el Capítulo General Intermedio que se realizará en la Universidad María Cristina del Escorial, España del 8 al 18 de septiembre de 2004 con la participación de unos 60 frailes desde todas partes del mundo. El tema principal será la revisión de la primera parte de nuestras Constituciones. La Comisión para la Revisión de las Constituciones se reunirá de nuevo en Roma para preparar la primera redacción de los capítulos 5 al 9 de las mismas. Copias de la revisión propuesta para los capítulos del 1 al 4 han sido enviadas a todas las comunidades de la Orden para su comentario y sugerencias.



Se pide enviar al Secretario General de la Orden todo aporte antes del 30 de marzo de 2004, de preferencia por correo electrónico (secretaria@aug.org).

2. Manuel Borg informó sobre la agenda para la próxima reunión del Consejo de la Unión de los Agustinos en Brasil que se realizará en São Paulo el 29 de septiembre. Entre los temas a dialogar se encuentra la traducción al portugués de los textos litúrgicos y otros documentos agustinianos. La Comisión para la Formación ha planificado un encuentro de oración para los formados de las cuatro circunscripciones (10 al 12 de octubre).

3. La Comisión para Formación de la Orden se reunió en Cochabamba, Bolivia para preparar el curso que se ofrecerá en Roma (19-30 julio de 2004) para formadores. El Vicariato de Bolivia actualmente cuenta con seis frailes de votos solemnes, 6 de votos simples, 7 novicios y 8 postulantes de Bolivia. En la casa internacional para estudiantes de teología en Cochabamba los tres miembros del equipo de formación (dos Bolivianos y uno de la provincia de México) acompañan a seis estudiantes de votos solemnes (dos de Chulucanas, un sacerdote recientemente ordenado de la provincia de México, dos diáconos del vicariato de Consolación, Brasil, y un Boliviano), tres de votos temporales de Apurimac, Perú, otros tres de Consolación, Brasil y otros tres de Chulucanas, Perú. Además hay dos de la provincia de Quito y uno de la provincia de México.

4. La página web de la Orden (www.aug.org) está en proceso de actualización. No hay nadie que se dedique a esta tarea actualmente y estamos experimentando ciertas dificultades técnicas que esperamos poder resolver en el próximo futuro. Varios frailes de distintas partes del mundo agustiniano han ofrecido apoyarnos en la

tarea de mantener actualizada esta página.

5. Miguel Angel y Emanuel Borg informaron sobre los preparativos para la celebración del Jubileo Agustiniano (2004 – 2007). Se hizo un encuentro con representantes de varias congregaciones de la Familia Agustiniana. Se ha elaborado un logo para el Jubileo, está en preparación una carta y en estudio un posible gesto de solidaridad con África; se redactará una oración para el Jubileo y se prepara la celebración inicial para el 13 de noviembre en Roma. Se está tratando de organizar un peregrinaje a Annaba (Hipona) como acción significativa del aniversario del nacimiento de San Agustín.

6. También nos informó Miguel Ángel sobre el programa del Encuentro Vida Sempre Nova realizado en São Paulo, Brasil, en mayo. El Proyecto Hipona Corazón Nuevo está ya en su etapa operativa y fue nombrado el nuevo Equipo de Animación Continental para el proyecto compuesto por:

Miguel Ángel Keller, Arturo Purcaro, Fernando Zarazúa (Michoacán), Luis Mattos (Secretario General OALA), Juan Betancourt (Colombia) y Ángel Luis Quintero (Panamá).

7. Las fechas para algunas reuniones internacionales:

- Los Estudiosos Agustinos, del 28 de junio - al 2 de julio de 2004 en Roma
- Formadores en Roma el 19-30 de julio de 2004
- El Capítulo General Intermedio en El Escorial, España, del 8 al 24 de septiembre de 2004,
- Promotores de Justicia y Paz, y miembros de la Familia Agustiniana, en Roma el 20-24 de junio de 2005
- Educadores Agustinianos en Roma el 11-15 de julio de 2005
- Laicos Agustinos en Roma el 12-18 de julio de 2006
- Encuentro Juvenil del 30 de julio - al 5 de agosto de 2006
- Promotores de la Pastoral Juvenil Agustiniana en Roma el 17-24 de julio de 2007.



Reuniones de los Delegados de Base

ZONA NORTE

El día 10 de septiembre del 2003 a las 9:00 AM nos reuníamos en el Seminario Agustiniانو Alonso de Orozco de la Ciudad de Santo Domingo, R. D. los representantes de las circunscripciones que forma la Región Norte de OALA. Participaron José Luis Rivera, representante de la Provincia de Michoacán; Manuel Ochogavía, representante de Panamá; Roberto Bonilla, representante de Centro América, y Pedro Luis Moráis, representante de Antillas.

Después de una breve oración pidiendo la intercesión de la Madre del Buen Consejo iniciamos la reunión con la presentación y el Orden del día.

1º Consultamos sobre las mejores fechas para convocar una reunión de este tipo y acordamos que lo mejor es el mes de Enero o la segunda quincena de Julio.

2º Cada representante debe asumir con cariño la tarea de promover entre sus hermanos de circunscripción, la participación en los encuentros y actividades organizados por la OALA y que especificamos en cuadro anexo.

3º El representante es también el responsable de enviar las noticias de cada circunscripción al Boletín de OALA. Las enviarán directamente a FABRICIO ALEJANDRO: fabialex68@terra.com.mx responsable del Boletín.

4º Para el 30 de septiembre cada uno hará llegar las direcciones de correo y electrónicas; y los teléfonos de cada casa de la circunscripción al Coordinador de la Región Norte para renovar el Directorio de OALA.

5º Intentar que la Pastoral Juvenil tenga una cierta estructura en cada circunscripción y un coordinador que pueda estar en contacto con los de las otras circunscripciones. Después de que esta estructura esté funcionando y en comunicación se vería la posibilidad de animar un encuentro de jóvenes de la Región Norte de OALA.

6º Animar en cada circunscripción la institución de coordinadores de Justicia y Paz.



7º Consultar con los respectivos Superiores Mayores la posibilidad de establecer en cada circunscripción unas casas o comunidades donde los hermanos agustinos de otras circunscripciones pudiesen desempeñar su ayuda pastoral, conocimiento e integración con otras realidades Latinoamericanas, al mismo tiempo que aprovechan para el descanso vacacional.

Después de la oración conclusiva levantamos la sesión a las 12:30 PM, para dirigimos al refectorio donde tuvimos un fraternal almuerzo con la Comunidad del Seminario

José Luis Rivera, OSA
Representante de OALA de Michoacán

Manuel Ochogavia, OSA.
Representante de OALA de Panamá

Roberto Bonilla, OSA.
Representante de OALA de Centro América.

Pedro Luis Moráis, OSA
Coordinador de la Región Norte de OALA

ZONA CENTRO

De mi región te cuento que ya tuvimos la reunión con los Delegados de Base y ésta la tuvimos los días 12 a 14 de agosto. Fué una experiencia muy bonita, todos estuvieron muy dispuestos. Los hermanos del convento San Agustín en Lima, se portaron a la altura, fué allí donde

tuvimos la reunión. La temática que desarrollamos fué la siguiente:

1. Importancia de representar a las bases.
2. Dinamizar nuestra presencia como la levadura en medio de la masa
3. Ampliar horizontes desde nuestras individualidades.
4. Proponer, apoyar y realizar lo anterior como un primer tema. El segundo tema: La voz de la Iglesia y la voz de la Orden, teniendo en cuenta el mensaje del Prior Gral. y el mensaje del Papa en el capítulo general. Cada Delegado de base presentó una visión de lo positivo y negativo de su Circunscripción. Te cuento que le estoy colaborando a Pauliño para el curso de Espiritualidad Agustiniiana que se tendrá aquí en Bogotá los días 19 al 30 de enero del 2004.

SU AMIGO Y HERMANO ARGIRO

ZONA SUR

Hoy, día 28 de Octubre, hemos estado reunidos los delegados de base del cono sur con Luis Fernando, de Argentina. Hemos estado revisando las funciones de los delegados, y una de ellas es mandar noticias de las Circunscripciones para el encargado del Boletín OALA. Inmediatamente he recogido nuestro boletín titulado "Caminhada", el boletín de las Obras sociales titulado " OSAS", y el folleto pequeño que lo usamos para propaganda

Atte. Pedro Miguel OSA.



OALA e Instituto de Espiritualidad Agustiniana

Curso de Espiritualidad Agustiniana y Actualización Teológica Bogotá 19 - 30 Enero del 2004

OBJETIVO: Ofrecer, de acuerdo a lo determinado en el Capítulo General 2001 (A-13a) y en la XV Asamblea General de OALA de Enero del 2003 (Proyecto 6, incisos a y b), como servicio a la Familia agustiniana, un Curso de Espiritualidad y Actualización Teológica como instrumento de formación permanente, capacitación de formadores y preparación para la profesión solemne.

DESTINATARIOS: Familia agustiniana: religiosos(as) y laicos(as) de las Fraternidades seculares. Especialmente, los responsables de formación de comunidades religiosas y fraternidades laicales, así como los Profesos(as) que harán o han hecho recientemente su profesión solemne.

PROGRAMA: (Dos módulos/semanas)

I. Grandes principios de espiritualidad agustiniana la Regla, síntesis de la espiritualidad agustiniana la espiritualidad de los "mendicantes" y nuestro carisma

DÍA DE RETIRO: Lunes - 26 de Enero - Estará a cargo del P. Miguel Villamizar (Provincial de Colombia).

II. La iglesia en la espiritualidad agustiniana Temas actuales de Justicia y Paz. La nueva evangelización y la eclesiología latinoamericana eclesiología actual y análisis de la realidad.

MODERADORES: El primer módulo tendrá como moderadores: Miguel A. Orcasitas, Nello Cipriani y Francisco Galende. El segundo módulo tendrá como moderadores: Miguel A. Keller, Richar Villacorta, Raúl Serrano y Adolfo Galeano (catedrático y rector de la Universidad de San Buenaventura de Medellín). El día de Retiro estará a cargo del P. Miguel Villamizar (Provincial de Colombia).

METODOLOGÍA: Activa y participativa. Intentamos revivir la experiencia agustiniana de Casiciaco, compartir fraternalmente la reflexión, el diálogo y la oración.

PRECIO: El costo total del Curso es de USD 400,00 (Dólares). Si alguien opta por participar solamente en uno de los módulos el costo será de USD 250,00 (Dólares) Los costes de: viajes de los ponentes y la justa remuneración de los mismos serán de responsabilidad de la directiva de OALA.

PASEO: Domingo - 25 de Enero - Catedral de Sal de Zipaquirá con almuerzo típico, visita a Chía y en la noche Eucaristía y cena en el Cervantes Retiro.

INSCRIPCIONES: Encargado: Fray Argiro Escobar (argiroe@latinmail.com) Cra. 9 Nro. 83 - 42 (Liceo de Cervantes el Retiro)
Tel.: (57) 257.9160 y (57) 218.5674 - BOGOTÁ - D.C.

FECHA TOPE PARA INSCRIPCIONES: 20 DE DICIEMBRE DEL 2003. Para que el curso sea factible necesitamos un mínimo de 25 participantes.

AVISOS IMPORTANTES: Cada participante debe traer información y productos típicos de su país o región para compartir. El clima es frío. No se olviden de traer la Liturgia de las Horas y algo de lectura personal para los tiempos libres. Los días 19 y 30 habrá actividades programadas.



Reflexiones de Agustinos

REFLEHUELGUANDO

Fr. Richar Villacorta G. O.S.A.

Quiero Comenzar pidiendo disculpas a las personas que con mis decisiones preocupe; es cierto, que no tengo que aumentarles los problemas, pero también les puedo decir que no puedo con mi carácter, pues me duele el sufrimiento de los otros y me siento de manos atadas, de cerebro paralizado y con el grito en la garganta cuando siento el dolor de los otros.

La muerte del inocente, las heridas de jóvenes y personas que no serán las mismas y lo que es peor, la posibilidad de que sus seres queridos crezcan con odio y rabia, lo cual significa próximas generaciones violentas, me llevaron a vivir un retiro con el pueblo durante tres días.

Cuando esto días precedentes estuve escuchando la radio, viendo algunas personas frente a la televisión con programas "basura", o cuando simplemente me sentía indigno de sentarme a la mesa para comer, sabiendo que existe mucha gente que no tiene, entonces comenzó a dar vueltas dentro de mi la idea de no quedarme cómodamente dentro el convento.

No podía obligar a que todos hagan algo, la conciencia no se impone, se deja brotar cual manantial que regará las plantas de la Justicia y Paz, así que había que hacer, debía cumplirse la relación de fe y vida, aquella en la cual se basa mi opción fundamental de estar en el mundo.

Entonces, llamadas iban y venían, comentarios sobre la falta de víveres, sobre el no tener gas para cocinar, sobre la violencia en las calles, era como ver a Bolivia "pasar y pasar".

El siguiente paso, se dio, cuando escuche que los muertos iban subiendo con una facilidad macábrica y desbordante, además que los heridos eran tantos y la población no acababa de entender el por qué, ante la impasibilidad y la búsqueda de un chivo expiatorio por parte de los responsables.

Así que nace la cuestionante más fuerte: ¿Es posible celebrar la Eucaristía, cuando hay sangre, violencia y muerte? Con la excusa de la puntualidad, no celebro la Eucaristía, no me sentía capaz de semejante gratuidad con la vida.

Ya posteriormente, una tarde bastante larga, donde el cerebro no funciona, donde uno ve los rostros de madres que reclaman por sus hijos, pasar por su cabeza, cual película real que invita a una acción.

Las alternativas eran varias: salir a caminar por las calles, bloquear en algunas esquinas o quedarse cómodamente sentado en el cuarto, bajando en las horas necesarias para la oración y la comida.

Bueno y así continuó, hasta que una llamada provoca la primera alerta: un grupo de religiosos, de Derechos Humanos, Justicia y Paz de los franciscanos, la Conferencia Boliviana de Religiosos filial Cochabamba, además de otras instituciones optaron apoyar la idea de La Paz de ingresar en Huelga de hambre.

La finalidad era única: no a la muerte y la violencia, para así poder pacificar al país; la salida del responsable de las muertes debía ser prioridad.

La excusa de visitar el piquete con la mente dispuesta a asumir esa medida, me llevan a quedarme y compartir esos días con los compañeros y compañeras que asumen esta medida en el primer piquete de Cochabamba, Bolivia, en la sede de Justicia y Paz de los franciscanos.

El encuentro con otro amigo y hermano sacerdote jesuita, con otras 9 personas más, van lentamente abriéndome los ojos para está realidad, así comenzamos a formar nuestra comunidad, unida por un solo sueño: "Nadie tiene derecho a matar y a quedar impune".



Un grupo privilegiado: somos 5 religiosos (tres varones y dos mujeres), el grupo de laicos es maravilloso, donde encontramos para todo gusto, madres de familia (tres), una amiga y compañera de años con la que nos encontramos en esa opción de vida, dos compañeros desconocidos y una multitud de gente que nos da su apoyo incondicional.

Dicen que el hambre tiene que llegar, no existe tiempo, pues entre reflexiones, contactos con la prensa, coordinación de los piquetes de Cochabamba y la amistad de muchos, no nos da tiempo para pensar en comer.

La generosidad es grande, la amistad es valorizada con gestos concretos y el sueño de no más muerte simplemente es algo que se va construyendo.

Es el comienzo de iniciar una antigua y siempre nueva forma de ser cristiano, pues la fe sin gestos concretos, sin la lectura del libro de la vida no tiene sentido. Son los rostros concretos de mujeres y niños, hombres y jóvenes, quienes infunden dentro de nosotros la inyección de una buena dosis de vitamina "E" de esperanza.

Todos sabemos que estamos cansados de hablar de Dios, pues ahora en medio de ese movimiento y momento, queremos escuchar a Dios, voz que se escucha en las palabras de aliento, en los momentos de tensión al escuchar las noticias, en la impotencia de estar entre cuatro paredes o simplemente en el silencio interior de cada uno.

Al comenzar a tener fraternidad con los otros compañeros, descubro que una de ellas, es una madre de familia con su hija de dos años, que maravillosa experiencia de encontrar a alguien, que sabe dar la vida por los demás, además que lo hace sin poses, ni discursos vacíos.

En medio de ese ambiente, las personas con experiencia, comienzan a darte sus consejos: fumar lo menos posible, consumir mucha agua y caramelos. Es el arte de cuidar de la vida de los otros, el que descubres en la preocupación de muchas personas, las cuales te conocen o simplemente eres para ellos ahora un perfecto desconocido conocido.

Existe mucha gente en el piquete, es la ventaja y desventaja de ser el primer piquete en Cochabamba, debes arrinconarte en un rinconcito, para no llamar la atención, por eso se debe escuchar lo que dicen y tomar liquido continuamente, para así poder escuchar entre líneas y descubrir la voz de Dios que habla en ese pueblo concreto.

Después llega un niño, con una carta profundamente teológica, que le pide al Presidente exorcizar el Palacio de gobierno, pues: "unos hombres malos con el demonio dentro, vagan dentro con los resabios de la dictadura".

Dicen que la solidaridad es importante, pero mucho más cuando ella es anónima, pues la última noche, había rumores sobre la intervención de los piquetes, eso no



provoco ninguna reacción en nosotros, pero a la mañana siguiente, cuando alguien dice que la puerta no estaba asegurada, se nos comunica que dos compañeros habían dormido en la calle, para que en caso de intervención nos den la voz de alarma. Esos gestos, junto a la visita de un doctor que con toda paciencia nos entrego a cada uno una botella de agua mineral con nuestros nombres nos ayudan a encontrar a Dios en medio de esta cotidianidad.

En síntesis, los gestos fueron tan pequeños, pero de un valor infinitamente grande que ayudaron a la amistad, a la solidaridad y lo más importante a la vida intensa de un retiro voluntario de tres días.

Después de pasado el tiempo, uno reflexiona, las provocaciones de los periodistas: "es hasta las últimas consecuencias" y se repite la respuesta dada en ese momento: "no se, pues yo creo en un Dios de la vida y se que yo vine para triunfar y no a perder. Además que el pueblo y Dios no precisa más sangre, ni muerte". No estoy seguro si fue intuición o simplemente una postura, pero sí sé, que eso me ayudó a descubrir que simplemente hicimos lo que teníamos que hacer.

Fr. Richard Villacorta Guzmán

Secretario de Justicia y Paz OALA

UN OCTUBRE ROJO MÁS DE LA HISTORIA HUMANA.

La Crónica.

En estos días de octubre Bolivia volvió a sufrir de incertidumbre y la violencia, al enfrentarse varios sectores del pueblo y el gobierno. Bolivia volvió a sangrar.

Ante esta situación varias voces de Instituciones de la sociedad boliviana se

hicieron escuchar, entre ellas la Iglesia que bailó sobre la zozobra, pues en principio quiso jugar su constante papel de conciliadora, apaga fuegos, entre las partes conflictuadas, pues en la opinión de muchos ella ha sido solo un instrumento apaciguador que favorece al gobierno.

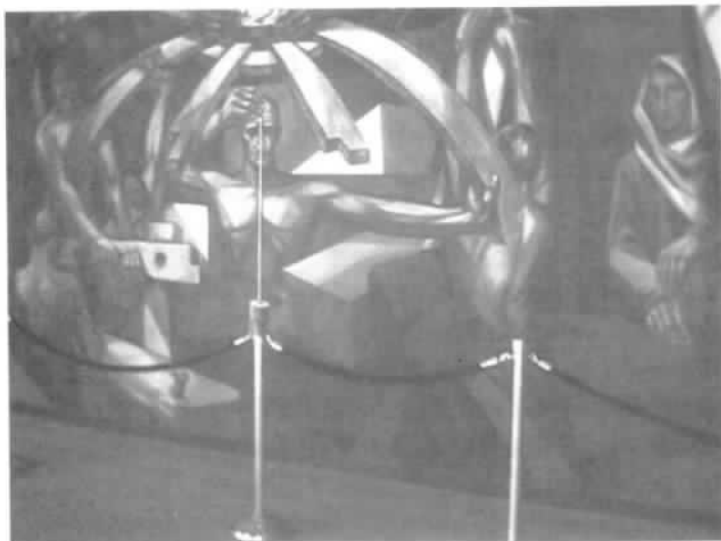
Ya pasados los días la actitud de algunos consagrados fue tratar de ser solidarios con el pueblo, ¿oportunisto? A través de varios gestos como vigiliias de oración, marchas por la paz y hasta medidas extremas como los piquetes de huelga de hambre junto a la Asamblea Permanente de los Derechos Humanos. Estos gestos generaron en la opinión pública puntos de vista muy diversos.

Pero creo que el punto a estas cuestiones es muy claro: ¿somos coherentes y constantes?, pues si el signo de la cruz de Jesús no hubiera estado acompañada de los gestos cotidianos de la vida, seguro es que el pueblo no hubiera sido interpelado.

El octubre rojo de Bolivia tuvo como clamor popular la no venta de gas a Chile, la derogación de la leyes de hidrocarburos y de la privatización de empresas y bienes nacionales, entre algunas demandas regionales más; respecto a la cuestión del gas, para muchos es claro que tal negociación solo beneficiara a los chilenos y demás socios (mexicanos y norteamericanos), y los beneficios a los bolivianos serían muy inferiores de lo que por justicia debía corresponderles, por ejemplo de cada 5 dólares de ganancia solo 0.5 dólares sería para los bolivianos. Además la historia entre Bolivia y Chile nunca ha estado en vías de felicidad y fraternidad, sino por el contrario han sido constantes las fricciones, pues desde el punto de vista del pueblo de Bolivia sus vecinos les han quitado el mar y sobretodo en todas las negociaciones los chilenos siempre se han aprovechado.

Otro punto del octubre rojo fue la negligencia del gobierno al no atender las diversas demandas hechas por varios sectores, pero sobre todo por las comunidades indígenas campesinas, pues hasta el más remoto punto del territorio nacional se daban bloqueos o manifestaciones. Pero lo peor no fue la negligencia sino sobretodo la represión gubernamental, que arrojó un saldo negro de más de 70 muertos y cerca de 300





heridos; esta "pequeñez" fue lo que condujo a un consenso sobre la renuncia del ejecutivo nacional.

Ante este marco de presión social se dieron varios movimientos al interno de la esfera gubernamental que llevaron a la renuncia del presidente Gonzalo Sánchez de Lozada y la sucesión constitucional; esto fue el pronunciamiento de "desvinculación" del gobierno de parte del vicepresidente Carlos D. Mesa Gisbert, la renuncia de varios ministros y la retirada de Manfred Reyes Villa y su partido Nueva Fuerza Republicana de la coalición de gobierno, esto dio paso a que el congreso en pleno aprobará la renuncia y posesionara a Mesa Gisbert como presidente constitucional de la República de Bolivia. Aunque esta medida logró tranquilizar muchos de los sectores en conflicto, la verdad es que en estos momentos estamos bajo una paz demasiado frágil, pues conseguir satisfacer algunos intereses de ciertos sectores han llevado a dejar a otros al margen.

La Reflexión.

Con toda esta situación, como dijimos en un principio, muchos se sensibilizaron con la situación del pueblo, sobre todo con los marginados y aunque muchos de esos gestos requieren de voluntad y valor, serán importantes la permanencia, la constancia y la coherencia para que ese esfuerzo no sea solo la banalidad del protagonismo amarillista, sino por el contrario sea un paso inicial de caminar junto a un pueblo que constantemente ha sufrido el atropello y el abuso. Pues si lo pensamos bien, si nos indigno la muerte de varios campesinos en los conflictos, por qué entonces somos

indiferentes de aquellos que se están muriendo de hambre en nuestras calles y a los que nosotros mismos pisoteamos en su dignidad humana.

Respecto de las movilizaciones y bloqueos es complejo pronunciarse a favor o en contra debido a su cuestionada legitimidad, pues si bien es cierto es una forma de expresión social y somos personas que vivimos en un país con libre expresión, también lo es el derecho de libre tránsito. Otro arroz más de este plato es también la obligatoriedad de participación en tales medidas por parte de cada miembro del sindicato, comunidad o gremio, en algunos casos bajo la pena de ser multado por poco más de 3 dólares o su expulsión de la agrupación con su respectiva "leccioncita"; o la situación de algunos bloqueadores asalariados por 2 dólares al día más un panecito y un plátano, Y por desgracia estas medidas, más allá de lo justo de sus demandas, siempre a quien perjudican inmediatamente, y dicho de paso constantemente, es a los "bolivianos de a pie".

Y ¿qué es la Democracia?

Después de lo sucedido por esta tierra andino amazónica, la pregunta es ¿qué es la Democracia? Una respuesta sencilla sería decir que es cuando el poder reside en el pueblo... lo que pasó acá es una muestra clara que el proceso democrático de los pueblos de la América Latina ha sido en demasía muy tortuoso; se han conseguido reivindicar muchos derechos, pero hoy este proceso esta exigiendo una mayor coherencia de parte de cada uno de lo protagonistas. Pues si bien es cierto que se ha conseguido cosas positivas, también es cierto que su credibilidad en la gente de a pie ha venido a bajo, por tantas decepciones y mentiras; hoy los partidos políticos, que se supone tendrían que representar las necesidades, ilusiones, preocupaciones de las personas y



ser medios de participación, se han convertido en mafias ambiciosas de poder.

Lo cierto es que lo que le pasó al presidente Sánchez de Lozada, no fue una casualidad, caso parecido fue el del presidente Fernando de la Rúa en la Argentina y de algunos primeros mandatarios latinoamericanos, que los diversos sectores sociales esperan respuestas y soluciones concretas a una realidad más que asfixiante. El caso concreto del presidente boliviano fue que en su actitud de soberbia quiso a toda costa implementar las medidas "aconsejadas" de los órganos financieros internacionales, con lo cual él esperaba recibir fondos, varios cientos de millones de dólares, para el cumplimiento de sus promesas electorales.

Es decir, que el pueblo cumplió su parte protagónica dentro de este proceso, pues más allá de haber votado por él o su partido, votaron por las soluciones que él ofrecía para la realidad nacional y al ver que no habían síntomas de mejoría y cumplimiento de promesas exigieron su renuncia, pues ya lo dice una parte del juramento de toma de posesión, más o menos con las siguientes palabras: "y si así lo hiciera que Dios y la patria me lo premien, caso contrario que Dios y la patria me lo demanden".

Lo cierto también es que pareciera que se hubiesen chocado una democracia institucional y una natural, pero no es así, lo que paso fue que acá se estaba viviendo, bajo el disfraz de una institucionalidad democrática, una mezcla de oligarquía con dictadura dando como resultado una "democradura", pues es claro que el poder estaba concentrado en unos cuantos, bajo la mentira de la representatividad popular, y ante cualquier indicio de protesta o exigencia venía la represión y la censura.

Debemos estar convencidos que la vivencia de la Democracia exige de cada una de las

personas en todo el país una participación activa y constante, que sea encaminada al bien común y la satisfacción de las necesidades de cada una.

Es cierto que falta mucho por caminar en este proceso de vida democrática y para ello debemos estar preparados no solo con actitud crítica sino también con una gran madurez política, pues también dentro los movimientos populares, que seguramente en poco ocuparan el papel de los partidos políticos, también hay muchos dirigentes que recurren a lo aquí llamado terrorismo sindical, pues donde impera la violencia e imposición no florecerá la verdadera democracia.

Qué decir de la Iglesia.

El papel de la Iglesia en todo este conflicto fue muy entre ir y venir, es decir, con su propuesta para el diálogo, a través del llamado documento del Reencuentro Nacional, antes de los conflictos puso en evidencia la buena voluntad pero también la poca preparación de nuestros representantes en la arena política, pues tal documento fue utilizado por los distintos grupos como mejor les convino para aferrarse a sus argumentos y fundamentar sus ataques contra los demás. Lo cierto es que de esta experiencia, que no ha sido la primera, se pudo observar una mayor prudencia de acción y pronunciamiento de nuestros pastores.

Sin lugar a dudas la Iglesia debe ser promotora en primer lugar de la paz y la justicia, a través de medios como el diálogo y el compromiso social de cada uno de los actores; y no quedar en ese papel de bombero, pues para las necesidades del pueblo no solo basta con tener a las fuerzas armadas en sus cuarteles y a los campesinos no haciendo bloqueos, sino que se requiere asumir un papel de vigilante y no esperarnos a que se muera la puerca de hambre.

Por eso hemos de considerar que la Iglesia debe convocar a una mesa de diálogo permanente con reglas determinadas, agenda abierta y con un grupo de asesores especializados, sobretodo consideramos que la situación de buscar asesores, de verdad eficientes, es una necesidad inmediata para la Conferencia Episcopal.



También es importante que desde nuestras comunidades pastorales ejercitemos los valores de la participación social y la conciencia crítica.

Para los agustinos...

Y la pregunta infaltable a todo esto ¿cómo agustinos, qué? Creo que más allá de una postura desde nuestra comisión de Justicia y Paz, la respuesta debería surgir desde nuestra opción de consagrados, pues sin lugar a dudas no basta con leer o ver noticias, o con hacer un documento donde gritemos nuestra indignidad y firme el superior, o peor aún hacer otro instrumento de trabajo para reflexionar en nuestras comunidades.

La situación como ya se ha dicho necesita de una respuesta personal, donde el testimonio de nuestra vivencia comunitaria e interior debieran ser el punto de referencia para dar inicio a la gran obra de la

construcción del Reino, basta de buscar recetas de cocina o programas espaciales, pues todo ello de nada sirve si no caemos en la cuenta de que primero tenemos que hacer una revalorización a profundidad de nuestra consagración a Dios, pues la justicia y la paz "no se da así nomás", sino que requiere constancia, coherencia y coraje de apostar el todo por el todo al sueño de caminar juntos a la casa del Padre.

Fr. Moisés Lomelí Jaurez, O.S.A.
Sacerdote mejicano, estudia misionología en Bolivia



